

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# (IM)PERFECTIVIDADE, ACIONALIDADE E ENSINO: USANDO NOÇÕES DA SEMÂNTICA FORMAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Érica Azevedo de Souza

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8103>

Submetido em: 2024-02-15

Postado em: 2024-02-26 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Luciana Sanchez-Mendes (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5459-6968>)

## **(IM)PERFECTIVIDADE, ACIONALIDADE E ENSINO: USANDO NOÇÕES DA SEMÂNTICA FORMAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Érica Azevedo de Souza (UFF)<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este relato de pesquisa tem o objetivo de descrever a semântica da flexão de tempo pretérito do português brasileiro e sua relação com o conceito de (a)telicidade e de duração. A pesquisa tem como base a teoria da Semântica Formal e, por isso, através de uma metodologia introspectiva da análise dos dados e de contribuições das noções de tempo linguístico, aspecto gramatical (Klein, 1994) e aspecto lexical (Vendler, 1967), buscou-se mostrar que as combinações entre o morfema temporal-aspectual dos eventos no pretérito do indicativo do português brasileiro com o léxico podem gerar diferenças interpretativas em sentenças declarativas. Além disso, foram criadas três propostas didáticas baseadas na metodologia da aprendizagem linguística ativa (Pilati, 2017) como sugestão para a abordagem dos assuntos discutidos pela teoria apresentada no ensino básico.

### **(IM)PERFECTIVITY, ACTIONALITY AND TEACHING: USING NOTIONS OF FORMAL SEMANTICS IN BASIC EDUCATION**

### **ABSTRACT**

This research report aims to describe the semantics of past tense inflection in Brazilian Portuguese and its relationship with the concept of (a)telicity and duration. The research is based on the theory of Formal Semantics and, therefore, through an introspective methodology of data analysis and contributions from the notions of tense, grammatical aspect (Klein, 1994) and lexical aspect (Vendler, 1967), we seek shown that the combinations between the temporal-aspectual morpheme of events in the past tense of the Brazilian Portuguese indicative with the lexicon can generate interpretative differences in declarative sentences. Furthermore, three didactic proposals were created based on the methodology of active linguistic learning (Pilati, 2017) as a suggestion for approaching the subjects discussed by the theory presented in basic education.

### **RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS**

Neste trabalho, foi analisado o comportamento de formas verbais no passado em português e sua relação com o significado intrínseco que cada verbo possui, independente de estar conjugado ou não. Além disso, foi feita uma análise sobre o tema abordado em três gramáticas frequentemente acessada por professores e incorporadas em livros didáticos. Em seguida, foram apresentadas três oficinas com finalidade didática sobre o tema dos verbos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Aspecto. Tempo. Semântica Formal. Ensino de Língua.

### **KEYWORDS**

---

<sup>1</sup> Doutoranda na Universidade Federal Fluminense (Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem), mestre pela Universidade Federal Fluminense (Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem), Niterói, Rio de Janeiro, [ericaas@id.uff.br](mailto:ericaas@id.uff.br), ID ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5101-1514>.

Aspect. Tense. Formal Semantics. Language Teaching.

## **Introdução**

O objetivo deste trabalho é descrever a relação semântica dos morfemas marcadores do tempo pretérito no modo indicativo do português brasileiro de acordo com os conceitos de Tempo de Tópico (Klein, 1994), de (a)telicidade e de duração (Vendler, 1967). Além disso, foram apresentadas três oficinas sobre o assunto discutido como proposta didática para turmas dos Ensino Fundamental (Anos finais) e/ou do Ensino Médio.

A teoria norteadora do trabalho é a Semântica Formal, área da Linguística que analisa cientificamente o significado de uma sentença e parte do pressuposto de que todo falante possui uma competência linguística inata que o permite verificar quais são os critérios para uma afirmação ser verdadeira em sua língua (Quadros Gomes e Sanchez-Mendes, 2018), ou seja, essa teoria adota uma metodologia que consiste na verificação de contextos (in)adequados para o uso de um certo item gramatical – no caso deste trabalho, dos morfemas marcadores de tempo e aspecto.

Acreditamos que a Semântica Formal apresenta contribuições no que diz respeito ao estudo do tempo e do aspecto verbal e é uma ótima ferramenta inovadora para o ensino de língua materna, visto que propõe não só uma maneira lógica de descrever a língua, mas também uma reflexão sobre noções que estão entre o micro (Fonologia, Morfologia e Sintaxe) e o macro (Fatores de Textualidade) dos estudos linguísticos.

Na primeira seção deste trabalho, foram apresentadas as contribuições teóricas da Semântica Formal para o entendimento do tempo e do aspecto verbal, com base nos conceitos de Tempo de Enunciado (TU)<sup>2</sup>, Tempo de Situação (TSit) e Tempo de Tópico (TT), conforme se vê em Klein (1994) e nos conceitos de (a)telicidade e de duração, segundo Vendler (1967).

Na segunda seção, foi feita uma análise crítica de definições sobre aspecto nas gramáticas de Cunha e Cintra (2008), Bechara (2015) e Castilho (2012), apontando algumas lacunas e inconsistências que podem ser esclarecidas pela Semântica Formal. A escolha dessas obras se justifica pelo seu amplo acesso por professores de português e pela considerável presença na formulação de livros didáticos.

Na terceira seção, foram propostas três oficinas sobre tempo e aspecto, de acordo com os pressupostos metodológicos da aprendizagem linguística ativa Pilati (2017), seguidas de objetivos, justificativas e relevância do tema de acordo com as exigências contempladas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

---

<sup>2</sup> Do inglês, *time of utterance*.

## 1. CONTRIBUIÇÕES DA SEMÂNTICA FORMAL PARA O ENTEDIMENTO DE TEMPO E ASPECTO

Esta seção busca analisar e relacionar os conceitos de tempo e de aspecto apresentados por Reinchenbach (1947), Klein (1994) e Vendler (1967). Primeiramente, será analisada a noção do tempo linguístico e, em seguida, as noções de aspecto gramatical e de aspecto lexical, respectivamente.

Para iniciarmos o entendimento sobre tempo linguístico, precisamos compreender a noção de dêixis, que é a necessidade de um contexto para apresentar uma referência. Pronomes, como ‘eu’, ‘você’ e ‘isso’, e advérbios, como ‘aqui’, ‘lá’, ‘hoje’ e ‘amanhã’, caracterizam-se como dêiticos porque apresentam referência variada de acordo com cada enunciação (cf. Quadros Gomes e Sanchez-Mendes, 2018). Podemos afirmar que o tempo também é dêitico, porque a organização temporal vai se ajustando de acordo com a perspectiva cronológica do falante: existem passados mais recentes que outros passados, futuros mais distantes que outros e fatos que eram vistos como futuro, mas se realizaram no presente e depois se tornaram passado.

Tradicionalmente, o tempo linguístico é considerado como dependente do momento da fala (MF) – o momento em que uma sentença é proferida – para apresentar um referente. Isso significa que, se um evento se apresenta no passado, ele ocorreu antes do MF, se se apresenta no futuro, ele ocorre após o MF, mas, se está no presente, coincide com o MF.

No entanto, se considerarmos apenas o momento da fala como referência para o momento do evento (ME), o entendimento de uma sentença como (1a) seria o de que Breno nunca comeu pizza na vida. Porém, geralmente, ao proferirmos frases como (1a), ainda que não esteja explícito na frase, estamos fazendo uma referência a um momento específico, como exemplifica (1b).

- (1) a. Breno não comeu pizza.  
b. Breno não comeu pizza (no dia do rodízio).

Nesse sentido, Reinchenbach (1947) propõe que o tempo linguístico, na verdade, é a relação entre o momento da fala (MF) e um momento de referência (MR). O momento de referência é um tempo explícito ou implícito, como ‘no dia do rodízio’, presente em (1b), ancorado no passado, no presente ou no futuro e usado pelo falante para se referir a outros eventos, que também vão estar no passado, no presente ou no futuro. A partir disso, podemos interpretar relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade com o momento da fala ou com outros tempos.

O momento de referência não aparece apenas em adjuntos, como em (1b), mas também através de relações temporais expressas de outros eventos, como é o caso de (2): em (2a), a oração ‘quando choveu’ funciona como momento de referência do evento ‘chegar’ e, em (2b), ‘quando cheguei em casa’ é a referência para o momento do evento ‘chover’. Nesse caso, entendemos que há diferença entre (2a) e (2b) mesmo que os dois verbos (‘chover’ e ‘chegar’) estejam no passado devido ao aspecto gramatical, que é a relação entre o momento do evento e o momento de referência.

- (2) a. Quando choveu, eu já tinha chegado em casa.  
b. Quando cheguei em casa, já tinha chovido.

O aspecto gramatical, em português, aparece nas desinências verbais junto com a flexão de tempo e está expresso nas sentenças (2) pelos morfemas *-eu* e *-ei* (pretérito perfeito) e pelas perífrases *tinha + participípio* (pretérito mais-que-perfeito). Como o pretérito mais-que-perfeito expressa relação de anterioridade, em (2a), temos que o evento de chegar se deu antes da chuva; já em (2b), entendemos que a chuva ocorreu antes da chegada.

Se o que está em foco em (2) é a relação de eventos antes ou depois ao seu momento de referência, em (3), observamos uma outra interpretação: (3a) e (3b) apresentam relações de enquadramento de uma situação dentro de uma referência. Isto é, em (3a), o momento de referência expresso pelo adjunto ‘entre 17:00 e 18:00’ está localizado dentro do intervalo temporal do evento de ‘estar estudando’, enquanto, em (3b), a situação ‘estudar’ ocorre no meio desse intervalo temporal (cf. Ilari, 1997). Nesse caso, as mudanças interpretativas também são ocasionadas pelos aspectos gramaticais, representados pelos morfemas *-ei* (pretérito perfeito) e *-ava* (pretérito imperfeito).

- (3) a. Entre 17:00 e 18:00 eu estava estudando.  
b. Entre 17:00 e 18:00, eu estudei.

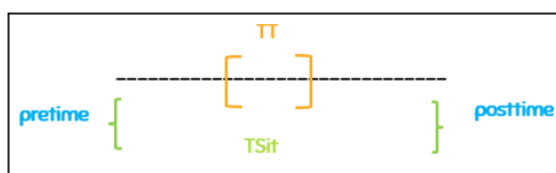
Essas relações aparecem em Klein (1994), que adotou as nomenclaturas Tempo de Enunciado (TU), Tempo de Situação (TSit) e Tempo de Tópico (TT), para tratar, respectivamente, do momento da fala (MF), do momento do evento (ME) e do momento de referência (MR).

Segundo o autor, aspecto perfectivo é quando o TSit estiver incluído no TT e o aspecto imperfectivo, quando TT estiver incluído em TSit<sup>3</sup>. Klein (1994) afirma que, dependendo da língua, o Tempo de Tópico pode ser expresso por partículas, por adjuntos, por orações

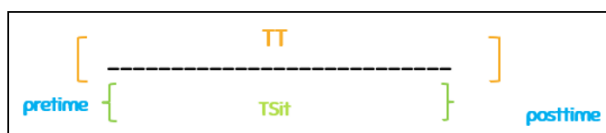
<sup>3</sup> Klein (1994) também descreve os aspectos prospectivos e perfeito, mas, por não serem o foco do trabalho, optou-se por não apresentar suas descrições e representações.

subordinadas ou pelo contexto. No caso de (1a), o tempo de tópico está presente implicitamente do contexto (é dependente da situação comunicativa dos falantes), em (2) aparece nas orações subordinadas temporais e em (3) no adjunto ‘entre 17:00 e 18:00’. As ilustrações abaixo, retiradas de Azevedo de Souza (2022), buscam representar essas definições de forma mais didática.

A figura 1 poderia ilustrar, por exemplo, a sentença (3a). Nesse caso, as chaves em laranja ilustram o Tempo de Tópico ‘entre 17:00 e 18:00’ e os colchetes em verde, a situação ‘estar estudando’. Nota-se que o evento ‘estudar’ ultrapassa o tempo de tópico.<sup>4</sup> Já a figura 2 ilustra uma sentença como (3b), em que a situação é representada pelos colchetes em verde, que pode exemplificar o evento ‘estudar’ situado dentro do tempo de tópico ‘entre 17:00 e 18:00’, que está simbolizado pelas chaves em laranja.



**Figura 1:** Aspecto Imperfectivo.  
**Fonte:** Azevedo de Souza (2022, p. 37).



**Figura 2:** Aspecto Perfectivo.  
**Fonte:** Azevedo de Souza (2022, p. 38).

Podemos afirmar, portanto, que o imperfectivo expressa um evento que extrapola a referência temporal. Nesse caso, não importa para o falante o início ou o fim do evento, mas apenas o seu desenvolvimento dentro do momento de referência, que é o Tempo de Tópico, como ilustra a figura 1. O perfectivo, por sua vez, expressa um evento visto como um todo único em que o meio da situação não importa (cf. Comrie, 1976); isto é, ao usar o perfectivo, o falante foca nas “bordas” de uma situação enquadrada no Tempo de Tópico, como ilustra a figura 2.

Acreditamos que essa análise sobre a (im)perfectividade oferece uma compreensão mais esclarecedora do que definições convencionais que apenas diferenciam o pretérito perfeito do pretérito imperfeito através de caracterizações baseadas em (in)completude, como “ação completamente concluída” *versus* “ação que estava ocorrendo, mas foi

<sup>4</sup> *Pretime* e *Posttime*, segundo Klein (1994) são, respectivamente o pré-tempo e pós-tempo do Tempo de Situação.

interrompida por outra ação” (Cereja e Vianna, 2022), frequentemente encontradas em gramáticas de prestígio e em materiais didáticos.

Os exemplos em (4) comprovam que essas caracterizações são inconsistentes para certos tipos de verbos. Em (4a), a situação de permanecer pode perdurar por um tempo indeterminado, mesmo no pretérito perfeito. Já em (4b), a eventualidade de ‘ser italiano’, no pretérito imperfeito, não significa que alguém deixou de ter a nacionalidade italiana.

- (4) a. Lia permaneceu calada.  
b. O ex-namorado de Lia era italiano.

Essa reflexão pode ser explicada pelo aspecto lexical de ‘permanecer’ e ‘ser’. Como a própria nomenclatura sugere, aspecto lexical é o significado expresso pelo próprio vocábulo que denota o evento. Vendler (1957) divide os eventos em quatro tipos, chamados de classes acionais ou *Aktionsart*, de acordo com seu *telos* e sua (não) duração. O *telos* é a propriedade que um evento tem de culminar: ‘acordar’ e ‘fazer a janta’, por exemplo, são chamados de télicos em contraposição aos atélicos, que são aqueles que não apresentam essa culminância, como é o caso de ‘viajar’ e ‘gostar’. A duração, segundo Azevedo de Souza (2022, p. 74), é “a diferença entre o momento inicial e o momento final de um evento” e está presente em alguns verbos, como ‘viajar’ e ‘fazer a janta’ e em outros, não, como é o caso de ‘acordar’ e ‘gostar’.

Sendo assim, Vendler (1957) classificou os verbos em: i) *achievements* – situações télicas não durativas (‘acordar’); ii) *accomplishments* – situações télicas durativas (‘fazer a janta’); iii) atividades – situações atélicas durativas (‘viajar’) e iv) estativos – situações atélicas não durativas (‘gostar’). A tabela 1 abaixo busca sintetizar essas noções:

Classe acional	Telicidade	Duração	Exemplo
<i>Achievement</i>	✓	x	‘acordar’
<i>Accomplishment</i>	✓	✓	‘fazer a janta’
Atividade	x	✓	‘viajar’
Estativo	x	x	‘gostar’

**Tabela 1:** (A)Telicidade e Duração  
**Fonte:** Elaboração própria.

Um famoso teste conhecido como paradoxo do imperfectivo é utilizado para distinguir eventos télicos de eventos atélicos através da (im)possibilidade de acarretamento. Ou seja, se um evento é atélico e uma sentença, como (5a), no imperfectivo progressivo (estava + gerúndio), for verdadeira, então, necessariamente, a sentença (5b), no perfectivo, também

será verdadeira. No entanto, se um evento é télico e uma sentença como (6a), no imperfectivo progressivo for verdadeira, (6b), no perfectivo, não será, necessariamente, verdadeira.

- (5) a. Eu estava viajando.  
b. Eu viajei.
- (6) a. Eu estava acordando.  
b. Eu acordei.

Como se pode perceber, o nome desse teste é chamado de ‘imperfectivo’ porque ele mostra como a perfectividade e a imperfectividade se comportam de forma diferente na presença de um evento télico ou atélico, o que comprova a importância de se analisar a relação entre aspecto gramatical e lexical para o entendimento das interpretações dos eventos.

Para esclarecer essas relações, a tabela 2 abaixo apresenta as possibilidades de combinação entre (im)perfectividade e (a)telicidade e a descrição do comportamento semântico resultante dessas combinações acompanhada de exemplos para cada tipo de evento e morfologia tempo-aspectual.

<b>ASPECTO GRAMATICAL</b>	<i>Achievement</i> (télico e não durativo)	<i>Accomplishment</i> (atélico e não durativo)	<b>Atividade</b> (atélico e durativo)	<b>Estativo</b> (atélico e não durativo)
<b>PERFECTIVO</b> (TSit incluído em TT)	Evento culminado  Exemplo: <b>Acordei</b> cedo (ontem).	Evento culminado  Exemplo: <b>Fiz a janta</b> (ontem).	Evento(s) restrito(s) a um episódio/intervalo de tempo.  Exemplo: <b>Viajei</b> (mês passado).	Eventualidade restrita a um intervalo de tempo  Exemplo: <b>Gostei</b> da sua roupa (de hoje).
<b>IMPERFECTIVO SIMPLES</b> (TT incluído em TSit)	Habitual/ Iterativo  Exemplo: <b>Acordava</b> cedo (ano passado).	Habitual/ Iterativo  Exemplo: <b>Fazia a janta</b> (todo dia).	Habitual/ Iterativo  Exemplo: <b>Viajava</b> para ver meu pai (todo mês).	Estado permanente no passado em contraste com o presente/ Tempo de Tópico no passado  Exemplo: Eu <b>gostava</b> muito de novela (na infância).

<b>IMPERFECTIVO PROGRESSIVO</b> (TT incluído em TSit)	Fase preparatória  Exemplo: Às 8h, eu <b>estava acordando.</b>	Evento em desenvolvimento (construção/destruição)  Exemplo: Às 20h, eu <b>estava fazendo a janta.</b>	Evento em desenvolvimento  Exemplo: Às 18h, eu <b>estava trabalhando.</b>	Estado temporário em contraste com os tempos anteriores e posteriores/  Exemplo: Eu <b>estava gostando</b> do filme.
--	---	--	--	---

**Tabela 2:** Relação entre aspecto gramatical e aspecto lexical no português.

**Fonte:** Elaboração própria.

A a tabela mostra que a classe dos *achievements*, como o evento ‘acordar’, quando é combinada: i) ao perfectivo, expressa leitura de culminação (a situação é vista como completada); ii) ao imperfectivo simples, apresenta leitura de habitualidade iterativa (pluralidade de episódios) (cf. Ferreira, 2005); iii) ao imperfectivo progressivo, apresenta leitura de fase preparatória (por se tratar de evento télico, o progressivo não captura o desenvolvimento do evento, mas sua etapa antecipatória de acontecimento, podendo não chegar a ocorrer) (cf. Smith, 1991).

A classe dos *accomplishments*, como é o caso do evento ‘fazer a janta’, acompanhada: i) do perfectivo, apresenta leitura de evento culminado (situação que passou por etapas até chegar ao seu fim); ii) do imperfectivo simples, expressa uma situação habitual com pluralidade de episódios que pode ser contada (iterativa); iii) do imperfectivo simples, indica um evento que está no seu processo de construção ou destruição para se realizar (alguém que estava fazendo a janta, pode estar na etapa de ligar o fogão, cortar os legumes, ferver o alimento, etc. mas ainda não chegou no seu fim).

Já as atividades, como ‘viajar’: i) no perfectivo, apresentam leitura de um ou mais eventos restritos a um episódio ou intervalo de tempo, ou seja, ‘viajei mês passado’ significa que a situação de viajar está sendo visualizada como um todo único que se deu dentro de um limite temporal (mês passado), mesmo que tenha se repetido (‘viajei três vezes mês passado’ apresenta a mesma interpretação); ii) no imperfectivo simples, também expressam leitura de um evento frequente com repetição; iii) no imperfectivo progressivo, por se tratar de um situação atélica, indicam um evento em desenvolvimento.

Por fim, os estativos, como ‘gostar’, quando associados à: i) perfectividade, apresentam leitura de restrição à um intervalo temporal, ou seja, a sentença ‘gostei da sua roupa’ não expressa um episódio, mas de uma situação que está limitada a uma referência temporal (‘hoje’); ii) à imperfectividade simples, podem expressar um estado em contraste com o presente ou um tempo de tópico no passado, ou seja, ‘gostava de novela (na infância)’ pode significar que o falante não gosta mais de novela no momento em que profere a sentença ou apenas está usando pretérito imperfeito para se referir à infância, que está no passado; iii) à imperfectividade progressiva, pode indicar um estado temporário em

contraste com os tempos anteriores e posteriores à situação, isto é, ‘eu estava gostando do filme’ pode apresentar o ponto de vista do falante que estava assistindo a um filme, mas teve que pausar por algum motivo, e, por isso, não é capaz de afirmar que gostou realmente do filme como um todo. Além disso, ‘eu estava gostando do filme’ pode indicar a declaração do falante sobre uma parte específica do filme em oposição ao restante, ou seja, ele estava gostando do filme, até que o personagem favorito morreu e, então, não deixou de gostar.

Como pode se observar nos dados apresentados pela tabela, a noção de (in)completude dos eventos, na verdade, está na combinação entre telicidade (léxico) e morfologia perfectiva. Além disso, o pretérito imperfeito não expressa, necessariamente, um evento inacabado. Uma vez que a característica da imperfectividade é situar o tempo de tópico dentro do tempo de situação, os eventos flexionados no pretérito imperfeito não têm a finalidade de mostrar um evento no seu estágio final, mas de evidenciar uma perspectiva que coloca o foco no desenvolvimento da situação ou na sua fase antecipatória, independente de ela ser completada ou não.

## 2. ANÁLISE CRÍTICA DAS DEFINIÇÕES DE ASPECTO EM GRAMÁTICAS DE PRESTÍGIO E CONTRIBUIÇÕES DA SEMÂNTICA FORMAL

Esta seção apresenta uma análise crítica sobre algumas definições de aspecto verbal retiradas das gramáticas Cunha e Cintra (2008), Bechara (2015) e Castilho (2012) acompanhadas de observações sobre lacunas que podem ser completadas por conceitos da Semântica Formal discutidos na seção anterior. A escolha por analisar essas gramáticas se justifica por serem recorrentemente usadas como manual em livros didáticos e por serem mais acessadas por professores de língua portuguesa do ensino básico.

Primeiramente, serão discutidos os principais conceitos de aspecto nas gramáticas tradicionais de Bechara (2015) e Cunha e Cintra (2008), tendo em vista a conceituação a partir da distinção, em ambas, de concluído *versus* não concluído.

Bechara (2015, p. 225) considera o aspecto como uma categoria verbal e, citando o linguista Roman Jakobson, afirma que essa categoria “assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita)”. Além disso, divide o aspecto em nove subcategorias, que são: nível de tempo; perspectiva primária; perspectiva secundária; duração; repetição; conclusão; resultado; visão e fase.

Já para Cunha e Cintra (2008), o aspecto é uma

categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.

É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 396, grifos dos autores).

Nessas gramáticas, encontramos noções, como resultado e duração, que não eram discutidas em gramáticas mais antigas, em que o aspecto sequer era mencionado. No entanto, nota-se um problema ao relacionar a ideia de conclusão/ não conclusão e resultado/duração/repetição apenas à morfologia verbal do português, sem considerar a importância do léxico no significado expresso pela ação verbal.

Além disso, o equívoco não está em afirmar que eventos no pretérito perfeito são concluídos ou que eventos no pretérito imperfeito se repetem ou são vistos em sua duração, mas na aparente limitação de que a conclusão é característica apenas do pretérito perfeito – e, no caso de Cunha e Cintra (2008), do mais-que-perfeito – e de que o imperfeito é a única condição para um evento apresentar leitura de repetição e de duração, por exemplo.

No exemplo (7a) abaixo, não há dúvidas de que o evento de ‘estudar’ ocorreu no passado e teve um fim, porém é possível também afirmar que o estudo teve uma duração, mesmo que indeterminada, visto que a ação de estudar precisa de algum período temporal para sua ocorrência. Além disso, o advérbio ‘muito’, ainda permite uma outra leitura: João pode ter estudado várias vezes ao longo de uma semana e, por isso, houve uma repetição, ainda que o evento esteja flexionado no perfectivo (pretérito perfeito).<sup>5</sup>

Por outro lado, em (7b), não há dúvidas de que a interpretação mais aceitável é a de que o evento de estudar, no imperfeito, ocorreu repetidas vezes, como sugere Cunha e Cintra (2008). No entanto, também é possível interpretar (7b) como uma situação que ocorria no passado e agora não ocorre mais e, portanto, foi acabada (concluída).

- (7) a. João estudou muito.  
b. João estudava muito.

Como apontado na seção 1, Vendler (1957) mostrou que a duração e a (a)telicidade são noções fundamentais para o estudo das relações aspectuais. Além disso, o paradoxo do imperfectivo também nos mostra a importância da (im)perfectividade no estudo do aspecto lexical. Nesse sentido, o pretérito imperfeito no progressivo expressa uma ação observada em sua duração apenas em (7a), pois o evento de ‘estudar’ é uma atividade e, portanto, apresenta duração, mas o mesmo não ocorre com (7b), visto que o evento de ‘sair’ é *achievement* e, por isso, mesmo flexionado no imperfectivo, a interpretação não é de duração do evento, mas de suas fases antecipatórias.

---

<sup>5</sup> Uma análise das leituras de sentenças desse tipo pode ser verificada em Gomes; Gomes; Medeiros (2021).

- (7) a. João estava estudando.  
b. João estava saindo.

Sobre a afirmação, em Cunha e Cintra (2008), de que o imperfectivo expressa a ação verbal observada em sua repetição, ela é verdadeira apenas no exemplo da sentença (8a) abaixo, em que o evento de ‘estudar’, por apresentar duração, quando flexionado no pretérito imperfeito, apresenta leitura de habitualidade iterativa. A iteratividade acontece em eventos que, embora em um intervalo temporal haja uma ocorrência frequente, existam pausas em que essa situação não aconteça, como é o caso de (8a). Como foi mostrado na seção anterior, a única classe acional que não permite a leitura de habitualidade iterativa é a dos estativos e, por isso, em (8b), como ‘acreditar’ é um estativo, não gera interpretação de que havia momentos em que João deixava de acreditar e outros em que ele voltava a acreditar, portanto, é uma situação contínua, sem pausas e sem pluralização do evento de ‘acreditar’, mesmo estando no imperfeito (cf. Comrie, 1976).

- (8) a. João estudava nos fins de semana.  
b. João acreditava em Papai Noel.

Sendo assim, a repetição, em português, é um traço lexical resultante da flexão do imperfectivo simples em verbos de atividades, *accomplishments* e *achievements*. Como (8b) apresenta um verbo estativo (‘acreditar’) e, portanto, não pode ser contado – não temos o costume de contar momentos em que acreditamos, amamos, gostamos ou vivemos, por exemplo – mesmo que esteja flexionado no imperfeito, a leitura de repetição não é possível.

A repetição também, como afirma Comrie (1976), pode ser expressa por quantificadores, mesmo que o verbo esteja no perfectivo, como mostra o exemplo (9), em que ‘três vezes’ mostra que o evento de ‘vibrar’ se repetiu numa quantidade igual a 3.

- (9) O celular vibrou três vezes.

Como vimos, a repetição e a duração não são traços expressos exclusivamente pelo imperfectivo, mas por combinações entre aspecto gramatical e léxico. Além disso, como demonstrado, a ideia de ação não concluída geralmente associada ao imperfectivo não é verdadeira em todos os casos.

No caso de (10), por exemplo, a forma imperfectiva pode expressar que o estativo ‘ser uma boa aluna’ ainda é verdadeiro ou não é mais verdadeiro no momento em que a sentença é enunciada. Nesse sentido, se considerarmos que o imperfectivo somente gera leitura de

não conclusão, como fez Cunha e Cintra (2008), excluiremos a segunda possibilidade de interpretação – a de que o falante assume, implicitamente, que deixou de ser uma boa aluna. Como foi proposto por Klein (1994), quando o verbo está no imperfectivo, na verdade, a perspectiva da situação é a do tempo de tópico, que se sobrepõe ao tempo de situação, e, portanto, não importa o que vem antes ou depois dele, isto é, na forma imperfectiva o que importa é o “meio” da situação, não o início ou o fim dela.

(10) Eu era uma boa aluna na escola.

A definição de ação “concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado” (Cunha e Cintra, 2008, p. 396) para caracterizar o perfectivo não parece ser adequada para todos os contextos do português. Como evidenciado na seção 1, para Comrie (1976), há maior ênfase no fim da situação do que em qualquer outra parte dela quando se afirma que o perfectivo expressa um evento como concluído, e, por isso, o perfectivo, na verdade, expressa um evento visto como um todo único, sem colocar o foco, necessariamente, no fim da situação.

A diferença de significado de (11a) e (11b) está na perspectiva que o falante assume para falar do evento ‘morar’ no passado: em (11a), o evento extrapola a referência temporal ‘2004’ e a leitura é de que, em 2003, o falante já morava em Campos e é possível que continue morando em 2005 em diante; já em (11b), a situação de morar está limitada ao ano de 2004 e a interpretação é de que o evento começou e terminou nesse mesmo ano, não importando o início, o meio ou o fim da situação, mas a sua ocorrência nos limites dessa referência temporal – o ano de 2004 e, portanto, não há possibilidade de continuidade desse evento.

(11) a. Em 2004, eu morava em Campos.

b. Em 2004, eu morei em Campos.

Sobre a ideia de conclusão associada ao perfectivo, com foi mostrado na seção anterior, ela está, na verdade, na combinação entre a forma perfectiva e um evento télico. Segundo Basso (2007), o perfectivo expressa que o evento não teve mais continuidade e o evento télico é a propriedade de um evento precisar de um final para sua ocorrência, estando ele acabado ou não.

Uma outra gramática também bastante acessada por professores é a de Ataliba de Castilho. Por se tratar de uma gramática descritiva e não normativa, a análise não feita de forma comparativa, mas com o propósito de se averiguar como a (im)perfectividade foi abordada por esse autor. Por isso, foi analisada em Castilho (2012) a descrição sobre o

aspecto perfectivo e imperfectivo. Segundo o autor, o aspecto é “um ponto de vista sobre o estado de coisas” (Castilho, 2012, p. 417). Ele ainda completa:

É como se o falante, tangido por um inesperado transporte mítico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou, separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba, e (iii) o que se repete. Os aspectos imperfectivo, perfectivo e iterativo resultam desse lance meio esquisito (CASTILHO, 2012, p. 417).

Além disso, tendo em vista que Castilho, diferente de Cunha e Cintra e Bechara, é um gramático linguista, o autor aborda noções semânticas e reflexões linguísticas com abordagem mais científica, como o conceito de (a)telicidade. No entanto, Castilho (2012) parece tratar o conceito de (a)telicidade como sinônimo da morfologia (im)perfectiva. Embora não seja apropriado fazer comparações diretas dessa gramática com os pressupostos teóricos da Semântica Formal, dada a ausência de vinculação a essa área linguística, é importante reconhecer a relevância desse enfoque específico para os objetivos do presente artigo, que é apresentar uma proposta didática de acordo com as noções de aspecto, considerando que a obra de Castilho serve como ferramenta de consulta frequente para professores e é incorporada em livros didáticos.

Somado a isso, mesmo que testes intuitivos não façam parte da metodologia da abordagem assumida pelo autor, que é a funcionalista-cognitivista, verifica-se a presença do paradoxo do imperfectivo para explicar o aspecto, como exemplificado em (12).

- (12) Se alguém estava -ndo, mas foi interrompido quando -va/ia, pode-se dizer que -ou?  
(exemplo 66 de Castilho 2012, p. 427, grifos do autor)

Castilho (2012) ainda complementa explica que:

se alguém estava brincando mas foi interrompido quando brincava, pode-se dizer que brincou? Sim, ainda que por pouco tempo, logo brincar é atélico; se alguém estava se afogando, mas foi interrompido quando se afogava, pode-se dizer que se afogou? Sim, logo afogar-se é télico” (CASTILHO, 2012, p. 417).

No entanto, ainda que o autor utilize uma abordagem mais didática para tratar do conceito de (a)telicidade com o objetivo de explicar a aspectologia e as suas análises sobre eventos télicos e atélicos estejam corretamente descritas, não há uma distinção entre o aspecto lexical e aspecto gramatical e, portanto, a descrição aspectual acaba por ficar incompleta. Como foi explorado na seção 1, a (a)telicidade diz respeito à propriedade que um evento possui de precisar ou não de um fim para que se realize, estando ele flexionado ou não; já a (im)perfectividade está relacionada à perspectiva que o falante assume sobre o evento que se quer declarar: se ela está em seu desenvolvimento (imperfectivo) ou está

sendo vista nos seus limites (perfectivo). Essa diferença também já foi evidenciada, uma vez que verbos télicos podem se apresentar no imperfectivo, como é o caso de (13a) e verbos atélicos podem se apresentar no perfectivo, como é o caso de (13b).

- (13) a. Acordava às 6:00.  
b. Viajei semana passada.

A importância de se analisar a (a)telicidade nesse tipo de caso, como também já mostrado, é que verbos télicos no imperfectivo progressivo, justamente por ter o foco no meio do evento e não nos seus limites, pode tratar de fases preliminares, é o caso de *achievements*, ou no desenvolvimento de um evento que pode não vir a ser finalizado, como é o caso de *accomplishments*. É justamente essa combinação de noções que não encontramos nas três gramáticas de prestígio analisadas nesta seção.

### 3. OFICINAS SOBRE TEMPO E ASPECTO

O objetivo desta seção é propor oficinas para o ensino que explorem noções temporais e aspectuais dos verbos em português. As oficinas foram elaboradas tendo como base os pressupostos metodológico da aprendizagem linguística ativa (Pilati, 2017), que tem como princípios regentes: (1) levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos; (2) desenvolver o conhecimento profundo dos fenômenos estudados; (3) promover a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas (Pilati, 2017, p.101). Essa metodologia, portanto, busca tornar explícito o conhecimento linguístico do aluno, isto é, estimular os alunos a uma reflexão do seu próprio saber sobre um certo fenômeno linguístico.

Para atingir esse objetivo, Pilati (2017) propõe cinco etapas para serem seguidas da seguinte forma: (1) ativação do conhecimento prévio dos alunos – levantamento daquilo que o aluno já sabe antes de chegar à escola; (2) experiências de descoberta e reflexão linguística – momento em que o aluno observa e analisa um conjunto de dados linguísticos levado pelo professor e é incentivado a refletir sobre e expor suas intuições; (3) organização das ideias encontradas – sistematização dos conhecimentos analisados, isto é, buscar padrões dentro do conjunto de dados que foi disponibilizado; (4) apresentação das ideias encontradas – o conhecimento desenvolvido ao longo das etapas anteriores deve ser exposto de forma consciente pelos alunos, através de atividades orais, escritas e por meio do uso de materiais manipuláveis, isto é, concretos; (5) aplicação dos conhecimentos em textos – analisar o fenômeno estudado dentro de um texto em que ele aparece. Neste trabalho, como as etapas

(4) e (5) têm propósitos semelhantes, serão condensadas em uma única etapa, como sugerido em Vieira, Amaro e Sanchez-Mendes (2021).

Pilati (2017) desenvolve oficinas tendo em vista fatores sintáticos e morfológicos da língua portuguesa. Este trabalho, entretanto, pretende usar essa metodologia para propor atividades que levem o aprendizado de fatores semânticos da língua em relação ao tempo e aspecto verbal.<sup>6</sup>

As oficinas apresentadas nesta seção são uma síntese das atividades desenvolvidas em Azevedo de Souza (2022) e serão acompanhadas de um plano de aula que contém: (i) o ano e segmento sugerido para desenvolver a oficina; (ii) tempo estimado de duração da oficina; (iii) tema da oficina; (iv) objetivo da oficina; (v) habilidades principais da BNCC que contemplam o tema abordado na oficina; (vi) justificativa para se trabalhar o tema proposto e (vii) ferramentas sugeridas para realizar algumas atividades propostas.

Serão apresentadas três oficinas, denominadas, respectivamente: “Noções de aspecto lexical”, “Semântica da Morfologia aspecto-temporal” e “Imperfectividade e Acionalidade”.

### 3.1. Oficina 1: Noções de aspecto lexical

Esta oficina tem como objetivo geral estimular a reflexão do significado inerente dos eventos, que é chamado de aspecto lexical, e como objetivo específico, a compreensão da (a)telicidade (Vendler, 1957). O quadro 1 abaixo é um plano de aula criado para essa oficina.

<b>ANO E SEGMENTO</b>	6º ou 7º ano do Ensino Fundamental II (Anos Finais)
<b>TEMPO ESTIMADO</b>	6 aulas
<b>TEMA</b>	Aspecto lexical
<b>OBJETIVO</b>	Refletir sobre o significado inerente dos eventos e compreender a (a)telicidade.
<b>BNCC</b>	(EF09LP06) Diferenciar, em textos lidos e em produções próprias, o efeito de sentido do uso dos verbos de ligação “ser”, “estar”, “ficar”, “parecer” e “permanecer”.
<b>JUSTIFICATIVA</b>	Saber o significado interno de um evento ajuda a: compreender o que é um verbo; refletir sobre duração; aprofundar noções de tempo cronológico.
<b>FERRAMENTAS</b>	Quadro, Papel, EVA, Canos/ Varal.

**Quadro 1:** Plano de aula oficina “Noções de aspecto lexical”.

<sup>6</sup> Outros trabalhos que, recentemente, se pautaram na metodologia da aprendizagem linguística ativa de Pilati (2017) para criar oficinas que desenvolvam propriedades semânticas são Freitas (2019) e Amaro (2021).

**Fonte:** Elaboração própria.

Para iniciar essa oficina e levantar o conhecimento prévio dos alunos, o professor pode usar diferentes tipos de verbos dispostos no quadro ou em plaquinhas com cores diferenciadas, como a figura 3 abaixo: as placas verdes contêm verbos de *achievement*; as amarelas, os *accomplishments*; as vermelhas, atividades e as rosas, os estativos. É importante salientar que não é necessário abordar essas nomenclaturas, mas explorar a reflexão do que culmina e do que não culmina e do que apresenta e não apresenta duração. No entanto, se achar pertinente, o professor pode usar a nomenclatura ‘processo culminado’ e ‘culminação’ para *accomplishments* e *achievements*, respectivamente, como sugere Lobato (2004).<sup>7</sup>

Dependendo da desenvoltura da turma, o professor pode dispor todos os verbos de forma igual para que os alunos, primeiramente, analisem os dados e vejam quais eventos se comportam de forma mais semelhante ou, como ilustra a figura 3, já levar as classes acionais separadas por cores para ajudar os alunos a ganhar tempo no aprendizado, como sugere Pilati (2017).

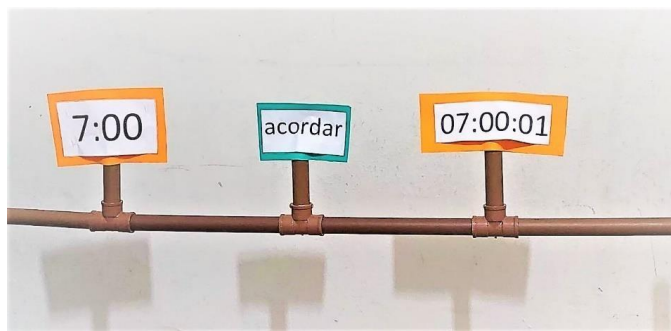


**Figura 3:** Placas de classes acionais.

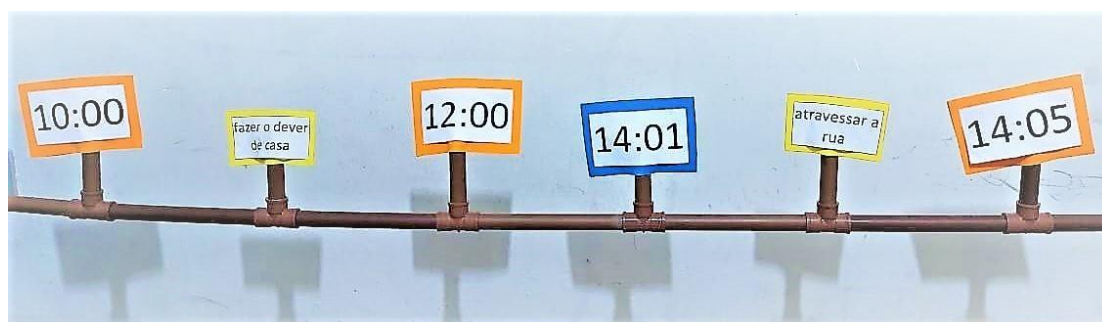
**Fonte:** Elaboração própria.

Em seguida, na etapa de experiência de descoberta e reflexão linguística, os alunos serão levados a encaixar esses verbos em intervalos temporais de segundos, minutos, horas ou anos, como sugere as figuras 4, 5 e 6. Como mostram as imagens, *achievements*, como ‘acordar’, são aconselháveis para intervalos de segundos, como ilustra figura 4; já *accomplishments*, como ‘fazer o dever de casa’ ou ‘atravessar a rua’, podem ser posicionados entre minutos ou horas e estativos, como ‘ter 10 anos’, pede um período maior, como o intervalo de um ano. As atividades podem, nesse momento, aparecer nos mesmos espaços temporais dos *accomplishments*.

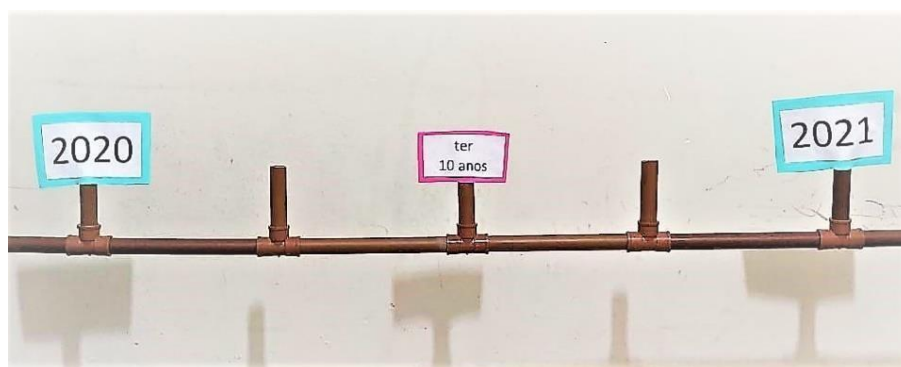
<sup>7</sup> Preferimos manter os termos em inglês porque é o mais usual na literatura em português.



**Figura 4:** Placa de *achievement*.  
**Fonte:** Elaboração própria.



**Figura 5:** Placas de *accomplishments*.  
**Fonte:** Elaboração própria.



**Figura 6:** Placa de estativo.  
**Fonte:** Elaboração própria.

Em seguida, para organização e apresentação das ideias encontradas, os alunos podem ser levados a responder as seguintes perguntas: “O que os verbos de cores iguais têm em comum?”, “O que os verbos de cores diferentes têm de diferente?”, “Qual a diferença entre os verbos de cor verde e os de cor amarela?”, “Qual a diferença entre os verbos de cor vermelha e os de cor rosa?”.

Na aplicação dos conhecimentos sobre aspecto lexical em textos, sugere-se que os alunos sejam divididos em grupos e desafiados a escrever: (i) um relato de memória apenas com *achievements* e estativos; (ii) uma lista de tarefas somente com atividades e *accomplishments*. Pensando que essas classes acionais direcionadas para essa atividade, de certa forma, combinam com os gêneros textuais propostos para a atividade. Mas, se o professor quiser desafiar ainda mais os seus alunos, pode pedir que eles façam uma lista de

tarefas apenas com estativos e um relato de memória apenas com atividades, por exemplo, o que pode gerar um estranhamento e tornar a atividade divertida, visto que uma lista de tarefas que contenha apenas verbos como ‘amar’, ‘viver’, ‘ser brasileiro’ parece inusitado, da mesma forma que um relato de memórias apenas com atividades será mais dinâmico.

### 3.2. Oficina 2: Semântica da morfologia aspecto-temporal (perfeito e imperfeito)

Esta oficina tem o objetivo geral de explorar a diferença entre a morfologia perfectiva e a imperfectiva, para, em seguida, desenvolver o entendimento das interpretações geradas por essas flexões. Como objetivo específico, busca-se estimular o conhecimento sobre como o tempo de tópico (Klein, 1994) influencia nas interpretações das sentenças que apresentam a (im)perfectividade. O quadro 2, abaixo, expõe um modelo de plano de aula sugerido para essa oficina.

<b>ANO E SEGMENTO</b>	6º ou 7º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais)
<b>TEMPO ESTIMADO</b>	6 aulas
<b>TEMA</b>	Aspecto gramatical
<b>OBJETIVO</b>	Compreender o significado das flexões perfectiva e imperfectiva com base no tempo de tópico.
<b>BNCC</b>	(EF06LP04): Analisar a função e as flexões (...) de verbos (...); (EF06LP11)/ (EF08LP04) : Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais (...); (EF67LP30): Criar narrativas ficcionais (...) utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos (...) de inserir os discursos direto e indireto; (EF69LP17): Perceber e analisar (...) a ordenação dos eventos, (...) a morfologia do verbo, (...) as formas de pretérito em relatos (...).
<b>JUSTIFICATIVA</b>	A compreensão da (im)perfectividade pode ajudar na ordenação dos eventos, na organização mental do estudante, na produção escrita e na leitura.
<b>FERRAMENTAS</b>	papel, canos/caixa de papelão, EVA, cola quente, quadro

**Quadro 2:** Plano de aula da oficina “Semântica da morfologia aspecto-temporal (perfeito e imperfeito)”  
**Fonte:** Elaboração própria.

Na fase de avaliação do conhecimento prévio dos alunos, o professor pode pedir para que os alunos respondam a diferença entre as frases em (1):

- (1) a. Quando Maria se casou, ela estava grávida.

b. Quando Maria engravidou, ela estava casada.

Na etapa de experiência de descoberta e reflexão linguística, o professor pode perguntar aos alunos sobre os contextos em que essas sentenças seriam mais adequadas. Por exemplo: “Num cenário em que Maria engravidou antes de se casar, qual sentença é mais adequada?” e “Num cenário em que Maria engravidou depois de se casar, qual sentença seria mais adequada?”. Em seguida, buscando dar atenção às referências temporais (tempo de tópico), o professor pode perguntar qual seria a diferença das sentenças em (2).

(2) a. Maria estava grávida em 2023.

b. Maria engravidou em 2023.

Em seguida, para organizar e apresentar as ideias encontradas, foi elaborado um jogo de cartas, ilustrado na figura 7 abaixo. O jogo contém cartas verdes e rosas: as cartas verdes contém exemplos de tempo de tópico e as rosas, flexões e perífrases (im)perfectivas. Em cada rodada, as cartas devem ser colocadas de cabeça para baixo e, assim que for dada largada, dois participantes por vez disputarão quem consegue criar uma sentença com os dados das cartas de forma mais rápida. A brincadeira funciona como o jogo “Torta na cara” e, portanto, quem escrever a sentença mais rápido no quadro, ganha ponto.<sup>8</sup>



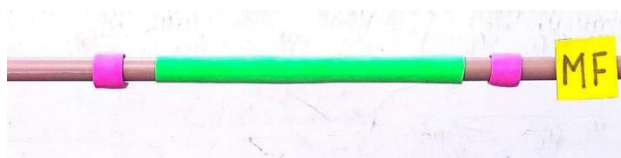
**Figura 7:** Jogo de cartas Tempo de Tópico + morfologia (im)perfectiva.

**Fonte:** Elaboração própria.

O próximo passo é, após os participantes escreverem as sentenças criadas no jogo anterior, tentar escolher, parada cada tipo de frase, qual a representação mais adequada para a sentença, de acordo com a ilustração nas figuras 8 e 9. Considerando que a parte verde – assim como as cartas – é o tempo de tópico e a rosa é o evento flexionado no pretérito

<sup>8</sup> É importante salientar que o jogo não deve estimular nenhum tipo de competição, mas apenas incentivar a participação dos alunos de forma dinâmica.

perfeito ou imperfeito (o tempo de situação), um participante que crie uma sentença como ‘Em 2018, José namorava’, ele deve escolher a representação da figura 8, mas se elaborar uma sentença como ‘Em 2018, José namorou’, ele precisa escolher o diagrama ilustrado na figura 9.



**Figura 8:** Tempo de Tópico incluído no Tempo de Situação.  
**Fonte:** Elaboração própria.



**Figura 9:** Tempo de Situação incluído no Tempo de Tópico.  
**Fonte:** Elaboração própria.

Na etapa de aplicação dos conhecimentos em textos, buscou-se explorar a obra literária “Quarto de despejo – Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus. A escolha desse livro se deve ao gênero textual diário, que apresenta marcações temporais explícitas, o que alcança a finalidade da oficina de forma mais didática. Além disso, esse texto apresenta grande relevância social e pode gerar debates e discussões importantes em sala.

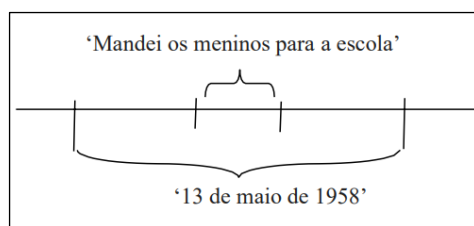
A atividade consiste em pedir para que, após o entendimento das representações ilustradas nas figuras 8 e 9, os alunos escolham uma sentença retirada de um trecho selecionado da obra e façam suas próprias representações de acordo com a interpretação do pretérito perfeito ou imperfeito. Os trechos (3) e (4) são exemplos de passagens que podem ser usadas para essa atividade. Na obra em questão, essas passagens ocorrem no dia 13 de maio, segundo a própria autora.

(3) “Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola.”

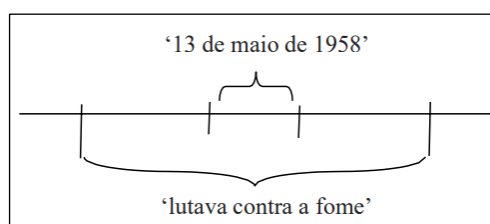
(4) “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!”

Considerando que um aluno escolha a sentença ‘mandei os meninos para a escola’, do exemplo (3), e a sentença ‘eu lutava contra a escravatura atual – a fome’, do exemplo (4), é interessante observar que ambas apresentam a mesma referência temporal – o adjunto

13 de maio de 1958. No entanto, como a primeira está na forma perfectiva, a situação de mandar as crianças para a escola acontece dentro dos limites daquele dia, em que ela começa e acaba, e é vista como um evento único, como é ilustrado na figura 10. Já na segunda sentença, como ‘lutar contra a fome’ está na forma imperfectiva, o início e fim da situação de lutar contra a fome não estão explícitos, como mostra a figura 11, e, portanto, essa interpretação pode levar à reflexão de que a luta contra a fome permanece em ocorrência tanto no momento da enunciação de Carolina Maria de Jesus quanto no momento da enunciação em que o texto estiver sendo lido pelos alunos na ocasião.



**Figura 10:** Representação do aspecto perfectivo.  
**Fonte:** Elaboração própria.



**Figura 11:** Representação do aspecto imperfectivo.  
**Fonte:** Elaboração própria.

### 3.3. Oficina 3: (Im)perfectividade e Acionalidade

Esta oficina tem o objetivo geral de promover o entendimento dos alunos sobre a relação entre a morfologia (im)perfectividade e (a)telicidade e duração de eventos. Como objetivo específico, busca criar ferramentas que auxiliem na reflexão sobre a diferença entre esses fenômenos linguísticos, isto é, na compreensão do que é (im)perfectividade e do que acionalidade, separadamente. O quadro 3 abaixo mostra um plano de aula que serve de direcionamento para essa oficina.

<b>ANO E SEGMENTO</b>	1º ano do Ensino Médio
<b>TEMPO ESTIMADO</b>	6 aulas
<b>TEMA</b>	Aspecto Gramatical e Aspecto Lexical
<b>OBJETIVO</b>	Relacionar e diferenciar as desinências aspectuais à telicidade e duração dos eventos

<b>BNCC</b>	(EM13LP30): Realizar pesquisas de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos pretendidos e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido (...).
<b>JUSTIFICATIVA</b>	Compreender as possibilidades de combinação entre a morfologia e léxico contribui na diferenciação de interpretação das sentenças.
<b>FERRAMENTAS</b>	Quadro, EVA, Quadro de Tarraxas

**Quadro 3:** Plano de aula oficina “(Im)perfectividade e Acionalidade)

**Fonte:** Elaboração própria.

Para o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, sugerimos o paradoxo do imperfectivo com exemplos de cada tipo de classe acional. As sentenças (5), (6), (7) e (8) podem ser utilizadas para essa etapa. A princípio, o professor pode deixar que os alunos analisem essas frases e tentem perceber qual é a diferença entre elas, que é a acionalidade, e qual a diferença entre os itens a e b de cada uma, que é a (im)perfectividade.

- (5) a. Maria estava vencendo o jogo, mas não venceu.  
b. Maria vencia o jogo, mas não venceu.
- (6) a. Maria estava lendo o livro, mas não terminou de ler.  
b. Maria lia o livro, mas não leu.
- (7) a. Maria estava nadando, mas não nadou.  
b. Maria nadava, mas não nadou.
- (8) a. Maria estava sendo feliz, mas não foi feliz.  
b. Maria era feliz, mas não foi feliz.

Em seguida, para a etapa de experiência de descoberta e reflexão linguística, o professor pode direcionar a observação dos alunos para as sentenças contraditórias – sentenças (5b), (6b), (7a), (7b), (8a), e (8b) – e as que não são contraditórias – (5a) e (6a). Com essa reflexão, as noções de (a)telicidade e acionalidade serão exploradas e, em seguida, pode se desenvolver a importância das flexões (im)perfectivas nos exemplos.

Na etapa de organização e apresentação das ideias, os alunos serão levados a completar uma tabela manipulável, cujo preenchimento completo está ilustrado na figura 12, a partir das reflexões e análises feitas nas etapas anteriores. Por haver muitas possibilidades de combinação e, portanto, existirem muitas perguntas que podem ser feitas

para se alcançar o máximo de conhecimento em torno desse temas, selecionamos reflexões que englobam algumas das principais relações existentes entre (im)perfectividade e acionalidade discutidas neste trabalho. Além disso, recomenda-se que o professor vá ajudando e explicando aos alunos à medida que as reflexões forem sendo feitas. No entanto, fica a seu critério usar as nomenclaturas ou não. O importante é estimular a demonstração de sua faculdade da linguagem na reflexão de sua própria língua.



**Figura 12:** Tabela manipulável preenchida.  
**Fonte:** Elaboração própria.

Sendo assim, para identificar a completude do perfectivo, sugere-se que o professor peça para que os alunos deixem no quadro apenas os eventos que culminam, como mostra a figura 13, em que apenas os eventos télicos no perfectivo ficarão na tabela.



**Figura 13:** Perfectividade + Telicidade.  
**Fonte:** Elaboração própria.

Em seguida, com a finalidade de verificar o entendimento sobre a habitualidade do imperfeito (iteratividade), é aconselhável pedir para que os alunos deixem no quadro apenas os eventos que se repetiram no passado, como mostra a figura 14.



**Figura 14:** Habitualidade iterativa.  
**Fonte:** Elaboração própria.

Em seguida, para reforçar o aprendizado sobre as interpretações do imperfeito em verbos estativos e o esclarecimento do que, de fato, é uma ação “não concluída”, como sugerem as gramáticas de Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2015), recomendamos que se peça para que deixe na tabela apenas a sentença que pode ainda ser verdadeira no momento presente, como ilustra a figura 15.



**Figura 15:** Estativo + Imperfectivo simples.  
**Fonte:** Elaboração própria.

Ainda sobre elucidar a interpretação de “não conclusão” associada ao imperfeito, sugere-se pedir para que os alunos deixem na tabela apenas os eventos que podem nunca ter sido realizados ou finalizados, como é o caso das sentenças da figura 16 ‘João estava fazendo a janta (na hora que a visita chegou)’ e ‘João estava chegando (mas pegou engarrafamento)’, que apresentam a combinação entre imperfeito progressivo e predicados télicos.



**Figura 16:** Imperfectivo Progressivo + Telicidade.

**Fonte:** Elaboração própria.

Na última etapa dessa oficina, que é a de aplicação dos conhecimentos em textos, sugerimos que o professor peça para que seus alunos pesquisem no aplicativo do *Whatsapp* conversas que contenham verbos no passado e, observando o conteúdo lexical dos eventos, tentem explicar as interpretações desses verbos no contexto da conversa e organizar esses eventos em relação aos outros que estão nesse gênero textual. Essa atividade pode ser feita de forma oral ou escrita.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi defendido neste trabalho, o estudo do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito não deve ficar restrito apenas à oposição concluído *versus* não concluído, pois, conforme foi demonstrado, o significado de evento realizado e de evento finalizado são diferentes e estão além morfologia verbal, sendo necessário o enfoque também sobre o aspecto lexical dos eventos.

Através das oficinas apresentadas, também foi exposto que existem diversas maneiras de se explorar o tema dos verbos em aula a partir de reflexões em torno do aspecto lexical e gramatical sem focar apenas nas nomenclaturas, fato que também promove boas ferramentas para o pensamento científico, tendo em vista a análise dos dados, criação de hipóteses e busca por sistematização, de acordo com os pressupostos da metodologia da aprendizagem linguística ativa e do estudo científico do significado, como proposto pela Semântica Formal.

Nas oficinas apresentadas, buscou-se desenvolver o aprendizado dos alunos a partir dos seus conhecimentos semânticos prévios, o que se mostra um estímulo para que os estudantes percebam sua competência linguística inata e, conseqüentemente, desenvolvam autoestima intelectual.

## INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

### CONFLITO DE INTERESSE

A autora não tem conflitos de interesse a declarar.

### DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados que amparam os resultados deste estudo foram majoritariamente expostos ao longo do texto, mas também podem ser disponibilizados integralmente pela autora correspondente mediante solicitação ou através da página do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Teórica e Experimental (GEPEX) através do link

<https://gepexlab.files.wordpress.com/2022/06/diss-erica.pdf>

### REFERÊNCIAS

AMARO, T. As contribuições da semântica formal para o ensino: uma proposta didática para o caso das sentenças de cópula com ‘ser’. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

AZEVEDO DE SOUZA, E. *Semântica do aspecto em português brasileiro: uma proposta para o ensino da (im)perfectividade*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Língua Portuguesa. Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2017.

BASSO, R. M. *Telicidade e detelicização*. Revista Letras, Curitiba, n.72, p.215-232, 2007b.

CEREJA, W.; VIANNA, C. D. *Português: Linguagens: 6º ano*. São Paulo: Saraiva, 2022.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: University Press, 1976.

FERREIRA, M. *Event Quantification and Plurality*. 2005. (Tese de Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, EUA.

FREITAS, Marcella M. de. Tempo gramatical e aspecto: descrição e ensino. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GOMES, A. P. Q.; GOMES; A. C. do N.; MEDEIROS, B. de S. (2021). *Estrutura escalar em classes acionais* - As propriedades aspectuais visíveis para a gramática. *Diacrítica*, 35(1), 78–103.

GOMES, A. Q., SANCHEZ-MENDES, L. *Para conhecer: Semântica*. São Paulo, SP: Contexto, 2018.

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KLEIN, W. *Time in Language (Germanic Linguistics)*. Routledge, 1994.

PILATI, Eloisa. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SMITH, C. 1991. *The parameter of aspect*. Dordrecht.: Kluwer Academic Publishers.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Cornell University Press, 1957.

VIEIRA, M. V. R.; AMARO, T.; SANCHEZ-MENDES, L. *Tautologias e metáforas em português: uma investigação pragmática e aplicação ao ensino*. Cadernos do IL, n. 63, p. 108–145, 2021.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.